Ainda desiguais, metrópoles melhoram

Regiões metropolitanas têm alto desenvolvimento humano em saúde, educação e renda, mas diferenças entre ricos e pobres persistem

Lígia Formenti Lisandra Paraguassu / BRASÍLIA

A qualidade de vida dos moradores de 16 regiões metropolitanas brasileiras melhorou entre 2000 e 2010. Resultados do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) mostram que todas as áreas analisadas têm pontuação suficiente para serem classificadas como de alto desenvolvimento humano. O avanço foi identificado em todos os indicadores: saúde, educação e renda.

O maior salto foi registrado nas Regiões Norte e Nordeste. A região metropolitana de Manaus, anteriormente classificada como de baixo desenvolvimento humano, deu um salto de 23,1% no indicador e agora é considerada como de alto desenvolvimento humano. Em Fortaleza, o crescimento foi de 17,7% e em Belém, de 17,4%.

São Paulo é a zona metropolitana com IDHM mais alto do País. A região paulista alcançou a nota 0,794 (o índice vai de zero a 1), seguida de perto pelo Distrito Federal, com 0,792, e por Curitiba, com 0,783. Manaus, o pior colocado, registrou nota 0,720.

Problemas. Apesar da melhora, as diferenças de desenvolvimento ainda são gritantes. Os reflexos podem ser constatados nos índices de educação, longevidade e renda. Um morador da zona mais nobre de Manaus pode viver 14 anos mais do que outro da zona mais pobre. Um habitante da periferia de São Paulo tem como renda R\$ 13,4 mil a menos do que o morador dos bairros mais nobres. Em Porto Alegre, 95,8% dos moradores das zonas mais ricas têm pelo menos o ensino fundamental completo. Nas mais pobres, são apenas 26,7%.

"O resultado ajuda a terminar com os mitos. Temos pobres em regiões ricas e vice-versa. Desenvolvimento humano é muito mais complexo", afirma Marilena Chaves, presidente da Fundação João Pinheiro, responsável pelo estudo, ao lado



NA WEB Portal. IDHM melhora em 10

estadao.com.br/e/idhmmapa

do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e da Organização das Nações Unidas

O ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos, Marcelo Neri, observa não ser raro encontrar exemplos de desigualdades em áreas muito próximas. Como exemplo, ele citou o Lago Sul, região nobre de Brasília, e Paranoá. "A distância entre as duas áreas é pequena. Mas o índice de analfabetismo na região mais rica é dez vezes menor", disse.

No Recife, a diferença entre Espinheiro, a região com maior IDHM, e Ipojuca, o pior colocado, é de 0,432 ponto. É a maior desigualdade entre todas as áreas metropolitanas pesquisadas. Cuiabá tem a menor diferença dentro da sua zona metropolitana: 0,325 ponto.

Neri observa, no entanto, que as diferenças já foram muito mais acentuadas. Entre 2000 e 2010, a disparidade entre o maior e menor IDHM passou de 22,1% para 10,3%. Em 2000, a diferença entre regiões metropolitanas de São Paulo e de São Luís-a maior registrada naquele período – era de 0,132 ponto.

No mais recente levantamento, a diferença entre o melhor e o pior colocado no quesito renda (Distrito Federal e Fortaleza, respectivamente) foi de 0,110 ponto. A diferença de esperança de vida, que em 2000 era de 4,82 anos entre o primeiroe último colocado (Porto Alegre e São Luís), passa para 2,9 anos em 2010 (Distrito Federal

O desempenho na área de educação foi o que mais influenciou a melhora geral do IDHM. "Indicadores mostram que estamos avançando. Democracia, universalização e combate à pobreza dão resultado e isso se reflete no Atlas. É o principal resultado que se pode trazer", diz o pesquisador do IPEA marco Aurélio Costa.

Divulgação adiada. Neri reconheceu que o levantamento poderia ter sido divulgado há alguns meses, mas o anúncio foi adiado por causa das eleicões. "A instituição tem um cuidado fundamental. Achamos importante divulgar quando corações e mentes já estão mais calmos." Em outubro, o diretor Herton Araújo pediu afastamento depois de o Ipea retardar a divulgação de dados sobre o avanço da pobreza extrema.

PARA ENTENDER

Pesquisa atinge 'microbairros'

Feito pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pela Fundação João Pinheiro, o levantamento usa dados dos censos de 2010 e 2000.

A nota varia entre o (mínimo) e 1 (máximo). São usados indicadores de saúde, educação e renda. No levantamento, batizado de Atlas Brasil, foram considerados dados de 16 regiões metropolitanas, que concentram 50% do Produto Interno Bruto (PIB) e 36,5% da população.

A análise foi feita em regiões chamadas de Unidades de Desenvolvimento Humano (UDHs), uma novidade

Multifuncional **HP**

até 4 ppm em cores

Calculadora

CASIO

No break

bivolt, preto

Cód. 446810

APC

BZ 1200 VA

Com 8 tomadas,

cientifica FX-991ES

cálculo Diferencial Derivada

VENDAS PARA EMPRESAS GRANDE SÃO PAULO OUTRAS LOCALIDADES 11 3347-7000 0800-0195566

Com cálculo Integral,

Deskjet Ink Advantage 2546

Imprime até 7 ppm em preto e

criada por pesquisadores para tentar ao máximo analisar uma área com características semelhantes. "Uma UDH pode conter uma parte de um bairro, um ou mais bairros", explica o pesquisador do Ipea Marco Aurélio Costa.

Dessa forma, é possível saber qual é a situação de cada uma das mais de 9 mil UDHs no ano 2000 e o que mudou para 2010. Há indicadores relativos a áreas como Morumbi (São Paulo), Belvedere (Belo Horizonte) e Asa Norte (Brasília). Utilizando como base os dois mais recentes Censos Demográficos, os dados ainda podem ser acessados pelo site www.atlasbrasil. org.br. A versão impressa do atlas de informações traz indicadores de renda, longevidade e educação das 16 RMs, além de mapas.

RANKING

 Maiores e menores Índices de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHMs) das regiões metropolitanas

IDHM 2010

QUANTO MAIS PRÓXIMO DE 1, MAIS ALTO É O ÍNDICE

8 maiores	
São Paulo	0,794
Distrito Federal	0,792
Curitiba	0,783
Belo Horizonte	0,774
Grande Vitória	0,772
Rio de Janeiro	0,771
Goiânia	0,769

8 menores Manaus 0,720 Belém 0,729 -ortaleza 0,732 0,732 Recife 0,734 Salvador 0,743 São Luís 0,755 Porto Alegre 0,762

Cuiabá

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

Manaus evolui, mas continua em último lugar

Marcos Moraes

ESPECIAL PARA O ESTADO / MANAUS

Nem o avanço do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,585, em 2000, para 0,720 neste ano tirou Manaus do último lugar entre as 16 regiões metropolitanas do Brasil pesquisadas no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). Azona é composta por sete municípios, além da capital: Careiro da Várzea, Iranduba, Itacoatiara, Manacapuru, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva. Juntas, as oito cidades têm área de 101.475 km².

Em 2000, Manaus tinha índice de 0,585 ponto e já estava no fim da lista. Em 2010, a diferenca entre São Paulo, a região metropolitana de IDHM mais elevado, e a do índice mais baixo (Manaus) caiu de 22,1% para 10,3%, havendo diminuição da desigualdade. No início da década passada, somente o município de Presidente Figueiredo tinha IDH avaliado como "baixo". Manaus e os outros sete

municípios da região metropolitana foram classificados com índice "muito baixo".

Dez anos depois, as cidades de Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva e Iranduba avançaram e conquistaram classificação de IDH médio. Contudo, em 2010 os outros cinco municípios da região metropolitana de Manaus foram classificados com o índice "baixo".

O IDHM geral de Manaus no fim da década era de 0,720, o que fez a área passar da faixa de "baixo" para "alto".

Renda. Manaus apresenta disparidade sobretudo de renda. São encontradas Unidades de Desenvolvimento Humano (UDHs) com renda per capita média mensal de mais de R\$ 7 mil, enquanto em outras áreas não chega a R\$ 170. Na capital, o valor mínimo é de R\$ 169,10. O mais alto é de R\$ 7.893,75, segundo a pesquisa.

Na Educação, em 2000, o índice era de 0.414. passando, em 2010 para 0,636. O IDHM Longevidade era de 0,730 e, em 2010, passou para 0,812. Já o IDHM Renda era de 0,661, chegando a 0,724. Entre 2000 e 2010, a dimensão que mais evoluiu, em termos absolutos, foi o da educação, que registrou um avanço de 0,222.

Educação puxa indicadores, com destaque para a baixa evasão

Dados mostram que o ensino fundamental está quase universalizado e cinco regiões têm avaliação excelente

BRASÍLIA

Apesar das conhecidas dificuldades da educação brasileira, a melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios (IDHM) das zonas metropolitanas se deve principalmente aos avanços educacionais do País. O atlas divulgado ontem

- por Pnud e Ipea mostra que esses foram os quesitos onde houve maior crescimento e maior redução da desigualdade entre regiões e mesmo dentro de uma
- zona metropolitana. Em 2000, o IDHM de educa- ção estava ainda no nível baixo - menor do que 0,599 - em to-
- das as regiões. O mais alto, de São Paulo, chegava a apenas 0,592. Apesar de ruim, ainda era 43% superior ao de Manaus, a pior colocada, que tinha um IDHM educacional de apenas 0,414 (muito baixo).

Hoje, a capital do Amazonas, mesmo continuando na pior colocação entre as 16 zonas metro-

1ª colocação de São Luís surpreende até os pesquisadores

 A maior surpresa do Atlas do Desenvolvimento das Regiões Metropolitanas foi a capital maranhense, São Luís, com o melhor resultado no índice de educação. O IDHM de 0,737 superou Distrito Federal. São Paulo e Curitiba e surpreendeu até mesmo os técnicos do Ipea e do Pnud. Com o Maranhão registrando alguns dos piores resultados em avaliações educacionais no País, o IDHM da zona metropolitana não parece fazer sentido.

Mas os pesquisadores garantem que não há enganos. "Precisaríamos abrir os microdados para interpretar melhor esses

resultados, mas, à primeira vista, uma das explicações pode ser o fato de São Luís ser uma ilha de renda mais alta e de excelência em um Estado que, todos sabemos, é bastante pobre", afirma o pesquisador do Ipea Marco Aurélio Costa. Uma das possíveis explicações para esses resultados seria o fato de a zona metropolitana da capital maranhense ser uma das menores do País, formada por São Luís e apenas outros quatro municípios.

Outra possibilidade levantada pelo Ipea é de que a capital maranhense atrairia, também, pessoas do restante do Estado que se mudam para a capital apenas para estudar, melhorando a relação de pessoas formadas e alunos com frequência regular e correta na escola. Essas, no entanto, são só hipóteses. /L.F. e L.P.

politanas estudadas, tem um índice melhor do que o de São Paulo em 2000, 0,636.

O mapa atual mostra que cinco regiões metropolitanas já têm um IDHM educacional alto, acima de 0,700. Além de São Paulo, que está em segundo lugar, estão nessa situação São Luís, a campeã, o Distrito Federal, Curitiba e Cuiabá. As 11 demais estão com desenvolvimento médio, acima de 0,600. Manaus é a pior delas, com Porto Alegre, Belém, Natal e Salvador vindo em seguida.

"O avanço na educação é significativo e nos permite anteci-

par ainda mais melhoras futuras", afirmou o ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos, Marcelo Neri. Para o pesquisador do Ipea Marco Aurélio Costa, a área da educação apresentou o avanço mais expressivo. "Principalmente no atraso escolar. É uma informação importante, que dialoga mais diretamente com as políticas públicas e com o esforço dos governos em colocar crianças nas escolas na idade correta", disse.

Como se calcula. O IDHM de educação é formado pelo porcentual de pessoas acima de 18 anos com pelo menos o fundamental completo, o chamado estoque educacional, e pela frequência escolar, sem atraso, de crianças e jovens – calculado nas faixas etárias de 5 e 6 anos frequentando a escola, 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental, 15 a 17 anos frequentando o ensino médio e acima de 18 anos com ensino médio completo.

Apesar da qualidade ainda sofrível da educação brasileira, os índices de frequência escolar são os que mais aumentaram em todo o País. Hoje, o ensino fundamental está praticamente universalizado, acima dos 97% das crianças de 7 a 14 anos matriculadas na escola. No ensino médio, chegou em 2012 a 54% dos jovens de 15 a 17 anos. / LISANDRA PARAGUASSU e LÍGIA

Praia de Icaraí, em Niterói, supera Leblon e Ipanema

Localidade alcança índice 0.962: na outra ponta, Itaboraí tem o pior número do Estado do Rio: 0,596

Roberta Pennafort / RIO

Região mais nobre de Niterói, a Praia de Icaraí é a campeã no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) da Região Metropolitana do Rio com 0,962 (quanto mais perto de 1, mais desenvolvido), supera Leblon e Ipanema, bairros mais caros da orla carioca. Já a cidade de Itaboraí, distante 30 km de Niterói, tem as localidades com os piores IDHMs do Estado: 0,596. Japeri e Queimados, cidades na Baixada Fluminense, também estão na parte mais baixa do ranking.

CEP

"Na Baixada existem municípios em que as ruas não têm nem CEP. As cidades já nasceram precárias"

Mauro Osorio PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL

DO RIO (UFRJ)

Acompanhando a tendência nacional, os índices fluminenses melhoraram de 2000 para 2010, segundo a comparação feitapelo Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras. O IDHM geral pulou de 0,686 para 0,771. O salto mais significativo foi com relação à educação: passou de 0,548 para 0,686.

Em 2000, as localidades na categoria de desenvolvimento muito alto representavam 9% do total; em 2010, eram 26%; as com alto desenvolvimento passaram de 22% para 37%.

Resultado. No caso de Icaraí, o bom resultado se explica por uma combinação de fatores: a concentração de aposentados com alto soldo, a baixa taxa de fertilidade, o que faz aumentar o cálculo da renda per capita, e a ausência de favelas. A análise é do professor da Universidade Federal do Rio (UFRJ) Mauro Osorio, doutor em planejamento urbano e regional.

Os 21 municípios da região metropolitana do Rio se separam em dois grupos, Osorio explica: as áreas mais nobres do Rio (zona sul, grande Tijuca e Barra da Tijuca), acrescidas de Niterói, de um lado, e o resto da capital e as outras 19 cidades, de outro.